

Educar x instruir *Educação*

VERA RUDGE WERNECK

Diante da velocidade da mudança dos padrões culturais dos dias de hoje, encontra-se o educador numa desconfortável situação de incerteza e de perplexidade: o que fazer? Manter-se inflexível, intransigente para com as modificações dos costumes num esforço para segurar o passado ou aceitar todas as inovações adotando simplesmente como maior critério de valor a novidade?

É preciso, diante do quadro tão confuso da cultura do fim do milênio, não perder a calma e apelar para o velho bom senso para, sem perder de vista os objetivos ideais, ser capaz de traçar os novos rumos da educação.

Duas perguntas impõem-se de maneira inexorável: o que é educar e educar para quê?

Na busca da solução de tão difícil questão é preciso iniciar pela fundamentação filosófica: é preciso saber quem é esse educando ao qual destina-se a educação. Ele é uma pessoa, e isto é: uma animalidade, uma racionalidade, uma sensibilidade e uma vontade. Assim sendo, todos os valores necessários ao preenchimento das carências decorrentes dessas características são sempre válidos no tempo e no espaço, devendo a qualquer preço serem preservados. A saúde, a verdade, o bem moral, a liberdade, valores a elas correspondentes, devem ser resguardados, não havendo dúvida possível quanto a sua manutenção.

É, o homem, ainda, no entanto, uma personalidade com carências individuais muito variadas, atendidas por valores mutáveis e diferenciados. Nesta área são benéficas as adaptações, as mudanças para que possam ser satisfeitas as necessidades de cada um de acordo com o tempo e as circunstâncias de sua vida.

Deve, pois, o educador atentar para esses dois aspectos do ser humano para a eles ajustar a sua oferta de sistema educacional.

As mudanças de escalas de valores do mundo contemporâneo, ao que parece, vão exigir uma reflexão cada vez mais profunda sobre o modo de satisfazer os perenes e os novos anseios do homem da atualidade. Tal reflexão leva à exigência da distinção entre educar e instruir. Educação seria o processo de hierarquização de valores de modo próprio e adequado ao desenvolvimento do homem enquanto pessoa. Consistiria na promoção da saúde, do amor à verdade, do respeito pelo outro, da justiça e da liberdade moral como valores próprios do homem enquanto pessoa. A educação teria como finalidade não o aumento da bagagem de conhecimento, não a profissionalização, mas fazer com que o homem perceba o seu valor. Funcionaria como um processo de humanização do próprio homem que se reconheceria não como um animal numa selva mas como uma pessoa no meio de seus iguais. A educação daria ao homem o conhecimento da sua dignidade, a sua dimensão de pessoa que permite que decida sobre suas ações, participando assim tanto da humanidade como da vida social exercendo com responsabilidade os deveres e direitos da cidadania.

Ficariam assim respondidas as perguntas iniciais: o que é educação? Educar para quê?

A instrução responderia pelos anseios do homem enquanto personalidade com as aspirações próprias da sua época e do seu modo de viver. Essa, sim, deve estar sempre mudando, evoluindo para não correr o risco de perder-se no tempo tornando-se desatualizada e anacrônica. Cabe à instrução proporcionar os conhecimentos, as informações que possibilitem ao educando aproveitar o melhor possível da realidade da sua geração.

Assiste-se hoje a um quadro triste: o jovem, na ânsia de auto-realização, buscando nos cursos universitários o que supõe ser educação, estudando com afinco, preparando-se com grande dedicação, cumprindo as tare-

fas exigidas e completamente frustrado e desiludido ao deixar a faculdade por não encontrar no mercado de trabalho um lugar que corresponda ao esforço e ao tempo dedicado anteriormente aos estudos. São expectativas frustradas que dificultam enormemente o curso normal da vida social e até mesmo moral. Como vai o jovem sustentar-se a si mesmo e, mais ainda, constituir uma família, assumir compromissos se não consegue um trabalho que aproveite as suas potencialidades e que justifique o tempo e o dinheiro gastos na universidade?

Onde está o erro? O que fazer para adaptar o sistema de ensino às exigências dos novos tempos de avanços tecnológicos e de globalização? Desistir do ensino superior? Manter os cursos completamente dissociados das reais necessidades do aluno?

Melhor seria, parece, redefinir as funções e os objetivos do sistema educacional.

Todo sistema de ensino deveria contemplar a educação e a instrução. Um núcleo de disciplinas referente à educação que levasse o educando à consciência da sua dignidade humana, da sua responsabilidade social, da exigência do exercício da cidadania. Seria válido o ensino de todos os conteúdos que levassem à reflexão sobre a pessoa humana, suas necessidades, suas aspirações, sobre os valores próprios e adequados à sua satisfação. Seria válido todo o ensino que conduzisse o aluno ao conhecimento dos seus deveres e direitos para tornar o mundo melhor e não apenas para perpetuar os males e os contravalores da cultura atual.

Educado seria aquele que tivesse organizado sua escala de valores de modo próprio e adequado à própria realização como pessoa humana.

A instrução caberia prover o indivíduo dos conhecimentos necessários à sua profissionalização para que pudesse, cada um, de acordo com as peculiaridades da sua personalidade, desempenhar um papel na sociedade que merecesse uma remuneração capaz de garantir a própria subsistência e mesmo que possibilitasse a constituição de uma família.

A instrução deveria possibilitar uma vida útil e produtiva. O jovem tem o direito, como cidadão, a exercer uma função, a ter um papel na sociedade.

Considerando-se o fato de que, nos novos tempos, por vários motivos como o progresso tecnológico e a globalização há uma diminuição no número de empregos e uma alteração no tipo de demanda de trabalho faz-se necessária uma revisão do sistema escolar, de modo a que seja feito um levantamento do interesse do mercado de trabalho, das possibilidades de emprego para que seja oferecido um tipo de ensino a eles adequado. É importante que a instrução não seja dissociada da vida real. É importante que a instrução seja útil para a realização profissional do cidadão.

Cursos de curta duração, tanto em nível da graduação quanto do ensino médio ajustados à demanda da mão-de-obra, poderiam de certa forma rapidamente qualificá-la, resolvendo, ao mesmo tempo, o problema da satisfação individual dos que os procuram.

De qualquer modo, o que salta à vista é a dificuldade da não distinção entre a educação e a instrução que faz com que se considere como a plenitude da educação o diploma específico das diversas áreas do conhecimento e não propriamente a formação de uma escala de valores que privilegie a dignidade da pessoa e do cidadão.

Proporcionar um tipo de instrução que não sirva para o aproveitamento profissional do aluno é apenas desperdiçar tempo e dinheiro e aumentar o desencanto daqueles que tanto esperam da instituição escolar.

É preciso que o cidadão educado não apenas ostente o diploma universitário mas tenha a consciência da sua dignidade pessoal e do seu direito à cidadania.

VERA RUDGE WERNECK é professora.